

42 ° Encontro Anual da ANPOCS

SPG/07 - Desafios contemporâneos: desterritorialização, conflitos e novos-velhos projetos que afetam os modos de vida das populações na Amazônia Brasileira.

Coordenadores:

*1º Coordenador Geral: Raimundo Miguel dos Reis Pereira (UEPA)*

*2º Coordenador Geral: Daniela Ribeiro de Oliveira (UFPA)*

**Chico Mendes 30 anos depois: o problema agrário e as condições de vida  
na RESEX Chico Mendes**

Nazira Camely

naziracorreia@gmail.com

Universidade Federal Fluminense, Brasil

**RESUMO:**

Este trabalho tem por base a pesquisa que iniciei em 2008 sobre a geopolítica do ambientalismo para a Amazônia Brasileira. Tendo como foco a atuação das grandes ONGs ambientalistas e a execução de políticas ambientais (via políticas governamentais) que promoveram a re-configuração do espaço agrário na Pan-Amazônia, podemos inferir das pesquisas de campo realizadas, que o problema agrário agravou-se nesta região. O Estado do Acre, que foi palco das importantes lutas dos trabalhadores rurais por terra e preservação de seus recursos extrativista, teve na figura do líder seringueiro Chico Mendes sua principal liderança. No ano de 2018, nos 30 anos do assassinato de Chico Mendes, pretendemos apresentar neste trabalho a atual situação dos trabalhadores rurais da RESEX (Reserva Extrativista Chico Mendes) que foi alçada a condição de "modelo" de reforma agrária para Amazônia. Nosso principal objetivo é mostrar como está atualmente as condições de vida da população da RESEX dado que o problema agrário e ambiental desta região agravou-se a partir das implementações de políticas ditas "sustentáveis" mas que promoveram a mercantilização, em alta escala, dos produtos extrativistas desta região e sem configurar uma melhora nas condições de vida da população local.

**Palavras-chave:** Amazônia, Latifúndio, Reserva Extrativista, Chico Mendes, Seringueiros, ONGs

## Introdução

(...) Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar  
prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar:  
se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar  
eu garanto, meu amigo,  
com o perigo não tinha ficado lá. (...)

Vital Farias  
*Saga da Amazônia*

A luta pela terra no Acre teve como um de seus principais expoentes a formação dos STRs (Sindicato de Trabalhadores Rurais), do CNS (Conselho Nacional de Seringueiros) e outras organizações. Do calor da luta pela terra no estado do Acre surgiram muitas lideranças como Wilson Pinheiro, Raimundo de Barros e Osmarino Amâncio e muitos outros. Um dos mais conhecidos foi Chico Mendes, líder dos seringueiros, e assassinado a mando do latifúndio em 22 de dezembro de 1988. Muitos seringueiros tombaram na luta pela terra. Chico Mendes ao fazer uma aliança com o movimento ambientalista internacional, que teve nas grandes ONGs ambientalistas seu principal aporte, lançou-se também em uma aliança com organizações, que a nosso ver, tinham e têm interesses econômicos estratégicos sobre a Amazônia brasileira.

Da luta dos seringueiros pela terra surgiu a formação da Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX Chico Mendes), que engloba partes de territórios de alguns municípios do Vale do Acre. A constituição desta RESEX foi propagandeada como o modelo de Reforma Agrária da Amazônia.

Certamente os seringueiros do Acre, após tantos anos de luta e de serem duramente perseguidos pelo latifúndio, acharam que tinham chegado ao poder. Várias das lideranças que lutaram ao lado dos seringueiros chegaram ao aparelho do estado ocupando cargos no executivo - prefeituras e governo local - e no Senado Federal. A ex-ministra Marina Silva, na ocasião em que foi ministra do meio ambiente, teve seu nome anunciado em Washington junto com o nome do então ministro da fazenda Henrique Meirelles. Foi na sua gestão que ocorreu toda sorte de medidas que leva ao que Osmarino Amâncio denomina 'da maior entrega de terras e riquezas da Amazônia ao capital internacional'.

As pesquisas demonstram que os projetos implementados estão alinhados com a perpetuação do saque e da pilhagem sobre a região. O Projeto BID e a Lei das Florestas

Públicas, dentre outros, representam a entrega da grande riqueza da Amazônia, sua Floresta.

No atual paradigma da indústria baseada na biotecnologia os setores de química, farmacêutica e cosmética - ávidas por recursos naturais - voltam-se com todo seu aparato sobre as áreas de Florestas Tropicais. Também o setor madeireiro, agora sob o manto da sustentabilidade, implementa suas estratégias de apoderar-se de um dos ouros da região: o mogno e outras madeiras nobres.

Um dos atores centrais na implementação destas políticas, são as grandes ONGs, ou as denominadas multinacionais da conservação (WWF, TNC e CI). Existe, a nosso ver, toda uma geopolítica na qual as grandes ONGs desempenham o papel de agentes principais e estas têm atuação destacada na Amazônia como um todo e no Estado do Acre, objeto do nosso estudo.

Para a execução destes projetos e dos negócios ambientais é necessário criar uma nova ideologia, do ambientalismo, que irá justificar a implementação deles, uma verdadeira 'governança ambiental'. Para tanto conta-se com a elaboração de leis ambientais que irão regulamentar a vida e a atividade econômica daqueles que secularmente habitam as florestas e são os responsáveis por ela ainda está de pé; quais sejam os seringueiros, ribeirinhos, povos originários, extrativistas e que em determinado momento foram alçadas a condição de "guardiões da floresta" para salvar o planeta para as gerações futuras.

Com isto novas políticas de 'sustentabilidade' vão sendo implementadas. Uma nova 'governança ambiental' entra em cena para 'empoderar' os povos da Amazônia. Um problema grave que ocorreu na região do Acre foi a onguização dos organismos dos camponeses seringueiros. Para romper com a cadeia de exploração do padrão seringalista os seringueiros constituíram suas cooperativas e seus organismos de luta como os STRs e o CNS. A partir do assassinato de Chico Mendes algumas lideranças são cooptadas pelo aparelho do Estado local que também passa a cavalgar na memória do líder seringueiro. Isto provocou um forte recuo na luta pela terra no Acre. Entretanto lideranças como Osmarino Amâncio e Dercy Teles seguiram na luta. Dercy recuperou a direção do STR de Xapuri em 2006, tirando-o das mãos dos oportunistas, e aí permaneceu por três mandatos.

Trinta anos depois do assassinato de sua principal liderança os seringueiros têm vivenciado a permanência e até a piora do problema e dos conflitos agrários nesta região. Agora apresenta-se com novas características pois as mais de 1.700 famílias da RESEX foram constantemente envolvidas por um conjunto de projetos sob o véu do denominado

"desenvolvimento sustentável".

Várias pesquisas têm demonstrado a piora das condições de vida destas famílias e sua reprodução, baseada no extrativismo, encontra-se ameaçada já que uma série de leis ambientais os delimita e até os criminaliza. É proibido caçar, pescar, coletar, ou seja, 'é proibido viver' como bem nos colocou um dos camponeses entrevistados em pesquisa realizada em 2008 e 2009. Além disso outros negócios, escondidos pelo manto da sustentabilidade, como o manejo madeireiro e o REDD (Mercado de Carbono) leva para as comunidades que aí vivem, todas as contradições que a produção de mercadorias e a mercantilização da natureza acarreta.

Em dezembro de 2008, por ocasião dos 20 anos do assassinato de Chico Mendes, O STR de Xapuri denunciou a grave perseguição pela qual passavam famílias da RESEX por ocasião da operação do IBAMA denominada de Reserva Legal. Naquela ocasião o STR divulgou nota afirmando que "repudia veementemente o caráter de perseguição e criminalização dos seringueiros e moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes, (...) quando moradores foram multados e outros ameaçados de serem retirados da Reserva por estarem cometendo infrações ao meio ambiente." Decorrente da operação do IBAMA (hoje ICMBIO - Instituto Chico Mendes) várias famílias foram multadas e responderam por crimes ambientais. Isto acarretou graves problemas para as famílias que vivem do extrativismo por estas encontraram-se sem condições de seguir vivendo na RESEX.

O principal objetivo de nosso trabalho é levantar a bibliografia que trata dos negócios ambientais implementados na RESEX (ainda em execução) e analisar, através da observação da realidade e das entrevistas – que para nós nos fornece os principais elementos para nossa análise -, como está a situação das famílias de extrativistas, agricultores e camponeses da RESEX; o que realizamos em pesquisa de campo em maio de 2018. Após 30 anos do assassinato de Chico Mendes os ativistas, lideranças e muitas das famílias da RESEX ainda mantêm acesa a chama da luta porquê da terra, dos rios, das seringueiras e castanheiras precisam para reproduzirem a si e a sua família.

## **1 – Dos grandes seringais da economia da borracha à constituição da Resex Chico Mendes**

Os grandes latifúndios no Brasil estão concentrados nas mãos de poderosos grupos econômicos porque no país a terra funciona ora como reserva de valor e ora como reserva patrimonial. Em sua essência, a política agrária desenvolvida pelo Estado

brasileiro tem como consequência a capitalização dos latifundiários, a disponibilidade de força de trabalho farta e barata ao latifúndio através de projetos de assentamentos, ata o camponês ao latifúndio através da dívida e da ruína, levando ao despovoamento de áreas rurais que é agravado pela repressão sistemática do Estado e dos grupos armados dos latifundiários.

No Acre, assim como no Brasil, o problema da terra é histórico. Em 1970 quase 70% dos imóveis rurais cadastrados eram acima de 10.000 hectares, percentual que chega a 77% para os anos de 1980, e de 41% no ano 2000 (INCRA, 2007 e 2009) além do latifúndio estatal que demonstraremos no tópico 2 deste trabalho. Estes dados mostram a situação de concentração de terras no Acre com a predominância da grande propriedade, problema que persiste nos dias atuais. Os seringueiros, expulsos do nordeste pelo problema agrário, estavam no Acre submetidos ao mesmo problema, ou seja, não possuíam a propriedade da terra. Durante a economia da borracha no Acre (final do século XIX até os anos de 1970) estavam submetidos à relação de aviamento que o atrelavam ao padrão seringalista pelo sistema de débito e endividamento. O seringueiro tinha que trabalhar exclusivamente para o patrão e deste tinha que adquirir todos os produtos, pesadamente majorados, pois a atividade agrícola lhe foi imposta como proibição durante o período de auge desta economia<sup>1</sup>.

A partir dos anos de 1970, e com a falência da economia da borracha, os antigos seringalistas, que se diziam donos das terras, passaram a vendê-las a pecuaristas do centro-sul do Brasil, o que ocasionou graves consequências para a vida dos seringueiros e suas famílias, agora expulsos da terra para as periferias das cidades acreanas. Este processo ocasionou uma grande migração das famílias dos seringais para as duas principais cidades, Rio Branco e Cruzeiro do Sul, onde as famílias ficaram sujeitas a condições de vida muito piores e miseráveis<sup>2</sup>. Nestas cidades as atividades exercidas pelos homens eram principalmente de diarista, trabalhador braçal, ambulante, servente,

---

<sup>1</sup> Ferreira de Castro, escritor progressista, no seu livro "A Selva", retrata todo o processo da cadeia de aviamento que utilizava os migrantes nordestinos na intrincada rede de exploração da economia da borracha. O seringueiro, migrante nordestino, já chegava nos seringais da Amazônia preso ao sistema de endividamento, pois tudo lhe era debitado e pesadamente onerado. O atrelamento do seringueiro ao padrão seringalista pela dívida representava o brutal sistema de exploração do período da economia da borracha.

<sup>2</sup> Moro (1993) retrata de forma realista e com profunda identidade com um povo do qual é distante, o problema da terra no Acre e na Amazônia. Seu livro reflete o processo de luta dos seringueiros do Acre, a expulsão de suas terras e as consequências disto ao migrarem para a principal cidade do estado, Rio Branco. Paralelamente, retrata os problemas do estado do Pará, sob o mesmo enfoque: o problema da terra. Sua análise é contextualizada pela presença econômica do capital na Amazônia mostrando os ciclos de ocupação econômica da fronteira, como as atividades da pecuária, mineração e outras, e as consequências deste processo sobre a população do campo.

pedreiro, carpinteiro e pequeno comércio e as mulheres trabalhavam principalmente como lavadeiras e empregadas doméstica (OLIVEIRA, 1985, p.71).

Os antigos seringalistas, agora falidos, passaram a vender os seringais para os “paulistas”<sup>3</sup> que adquiriam grandes extensões de terras e a desmatavam para a atividade pecuarista de grandes empresas do ramo como a Bordon. Para resistir e lutar pela terra os seringueiros e trabalhadores rurais do Acre organizaram-se em sindicatos, e tinham nos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR) de Xapuri e Brasiléia sua principal força. O STR de Brasiléia foi fundado em novembro de 1975 e o de Xapuri em abril de 1977.

Paula (1991) esclarece que a luta pela terra no Acre iniciou-se no Vale do Acre, tendo a frente a luta dos posseiros, à qual, posteriormente, se juntaram os seringueiros. O autor destaca como fatores importantes para a luta da categoria a atuação da Igreja através da Prelazia do Acre e Purus que era defensora da Teologia da Libertação, e também a instalação, em Rio Branco, da delegacia regional da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), em maio de 1975.

O processo da luta dos seringueiros em Brasiléia e Xapuri foi vigoroso e do calor da luta surgiram importantes nomes e lideranças que impulsionaram a luta dos camponeses no Acre e na Amazônia. Da entrevista que realizamos com Osmarino Amâncio e Dercy Teles Cunha<sup>4</sup> eles destacaram os principais nomes de lideranças da luta do movimento dos seringueiros pela terra: Chico Mendes, Wilson Pinheiro, Osmarino Amâncio Rodrigues, Raimundo Mendes de Barros, Dercy Telles de Carvalho Cunha, Simplicio Pereira de Araújo, Luiz Targino de Oliveira, Ivair de Souza, José Conde de Andrade, João Ferreira Sena, Manoel Custódio da Silva, Antonio Miranda da Fonseca, Elias Gadelha, Osmar Facundo de Oliveira, Pedro Sebastião Rocha, Francisco Ramalho de Souza, Luiz Damião do Nascimento, Alberto Rocha

---

<sup>3</sup> Designação dada pelos seringueiros aos grupos pecuaristas do centro-sul que passaram a explorar os antigos seringais para a atividade da pecuária, causando grandes desmatamentos e expulsão dos seringueiros de suas terras. Os latifundiários e seus jagunços usavam de toda espécie de terror para apropriarem-se das terras dos seringueiros. Queimavam colocações, ameaçavam os seringueiros e suas famílias de morte, destruíam as plantações e criaram um braço armado que contava com a benevolência do Estado. Este período é relatado de forma contundente no Jornal Varadouro, editado em Rio Branco no período de 1977 a 1981. Todas as edições do jornal estão disponíveis em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/>

<sup>4</sup> Dercy Teles e Osmarino Amâncio são militantes e ativista da luta pela terra no Acre desde o movimento dos Seringueiros ao lado de Chico Mendes e outras tantas lideranças e ativistas. Ambos seguem firme na luta pelo direito democrático de acesso à terra. Entrevista realizada com Dercy Teles Cunha no Pimenteira (Xapuri), em 18/12/2008, e com Osmarino Amâncio, em Brasiléia em 02/01/09. Ambos ressaltaram que iriam citar os nomes das lideranças conforme suas lembranças, mas que tinham receio de cometer alguma injustiça ao se esquecerem de algum.

Amorim, Antonia Pereira Vieira, Vicente Lira, Sebastião Marinho, Pedro Teles, João Monteiro, Paulo de Souza Silva, Antonia Ribeiro da Silva, Maria Lino dos Santos.

A forma mais importante de resistência direta dos seringueiros contra o latifúndio, agora tendo como principal atividade a pecuária, eram os empates. Segundo Chico Mendes este se constituiu num tipo de movimento pacifista conforme explica:

Os empates são feitos através de mutirões dos seringueiros. À medida que os seringueiros tomam conhecimento de que têm companheiros ameaçados pelo desmatamento, que uma área está sendo ameaçada pelo desmatamento dos fazendeiros, se reúnem várias comunidades, principalmente a comunidade afetada, organizam-se assembléias no meio da mata mesmo e tiram-se lideranças, grupos de resistência que vão se colocar diante das foices e das moto-serras de maneira pacífica, mas organizada. Tentam convencer os peões, que estão ali a serviço dos fazendeiros, a se retirarem da área. Em seguida, os seringueiros costumam desmontar os acampamentos e forçar a retirada dos peões. Muitas vezes são atacados pelas forças de segurança, porque os fazendeiros sempre recorrem judicialmente, pedem o apoio policial. Sempre contaram com este apoio, o que ocasionou muitas prisões (GRZYBOWSKY, 1989, p.38).

Em 1985 foi organizado o I Encontro Nacional dos Seringueiros onde é fundado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Para Paula (2005) o CNS surgiu “essencialmente de uma estratégia destinada a ampliar o movimento de resistência dos seringueiros liderado pelo STR de Xapuri” (PAULA, 2005, p.248). Segundo Paula (1991), os principais resultados do I Encontro Nacional dos Seringueiros foram: a divulgação da luta dos seringueiros pelos diversos meios de comunicação, a formação da proposta da Reserva Extrativista e a formação do Conselho Nacional dos Seringueiros (PAULA, 1991, p. 208).

Em 1987 Chico Mendes recebe da Organização das Nações Unidas (ONU) o prêmio "Global 500", concedido àqueles que se destacam na defesa ambiental do planeta, e neste mesmo ano ganhou a "Medalha do Meio-ambiente" da organização "Better World Society". Em 22/12/1988 Chico Mendes foi assassinado em sua casa em Xapuri a mando do latifúndio. Queremos aqui destacar que a luta democrática dos seringueiros, que teve em Chico Mendes sua principal liderança, perdeu o rumo de seu combate classista ao aceitar a aliança com as ONGs ambientalistas, que servem ao projeto do imperialismo, mesmo que estas lideranças e sindicalistas não soubessem ou tivessem plena consciência do que significava aliar-se a estas organizações. Em entrevista, Osmarino Amâncio<sup>5</sup> nos declarou que Chico Mendes nunca foi um ecologista, um ambientalista. Que ele era, além de sindicalista, um grande articulador, e um líder de grande carisma que soube trazer para a luta dos seringueiros aliados importantes. Segundo Osmarino Amâncio, a imagem de

---

<sup>5</sup>Entrevista concedida em Brasília em 02/01/2009.

Chico Mendes foi apropriada pelos ambientalistas e ONGs e, neste processo, em determinado momento da luta dos seringueiros, foi colocada, a proposta de projetos para transformar o movimento de luta pela terra dos seringueiros em movimento ecologista.

## **2 - Da luta pela terra ao ambientalismo ongueiro e o agravamento da questão agrária na RESEX Chico Mendes**

A partir de nossa pesquisa (CAMELY, 2001 e 2009) entendemos que ocorre um processo de *onguização* das organizações representativas dos seringueiros; primeiramente do Conselho Nacional dos Seringueiros-CNS e, depois, das demais organizações que podemos exemplificar a partir da vinculação que o CNS teve com organizações ligadas aos interesses de países imperialistas, que se apresentavam como organizações solidárias à luta dos seringueiros. Um quadro desta aliança do CNS com estas organizações nos é fornecido pela quantidade de convênios que o CNS proporcionou às associações das reservas extrativistas com as seguintes organizações: Fundação McArthur, Health Unlimited, BID, Embaixada da Suíça, IDRC (Canadá), OXFAM, Misericórdia, Fundação Konrad Adenauer, WWF, Embaixada da Áustria (MURRIETA & RUEDA, 1995, p. 15).

O processo de onguização do CNS é entendido por nós como a perda de sua ação política no interesse das populações extrativistas e sua submissão ao financiamento e interesses de organizações externas. A partir de 1995, o CNS passou a ser mantido financeiramente pelo governo federal e pelo Banco Mundial (PAULA, 2005, p.225).

Em 1990 Foi criada a Reserva Extrativista Chico Mendes. A criação da Reserva Extrativista<sup>6</sup> foi instituída pelo Decreto presidencial número 09897/90. Segundo Paula (2005), as Reservas Extrativistas (RESEX) foram pensadas inicialmente como alternativa para a regularização jurídica das áreas ocupadas tradicionalmente pelos seringueiros e outros trabalhadores extrativistas. Ou seja, a propriedade da área é da União e os seringueiros têm o direito à concessão real de uso conforme contrato estabelecido entre o

---

<sup>6</sup>Segundo Paula (2005) a proposta da Reserva Extrativista não apresenta diferença em relação aos Projetos de Assentamento Extrativistas (PAEs). Estas modalidades diferem na institucionalização jurídica, pois a RESEX é criada por decreto-lei na forma de Unidade de Conservação com a finalidade de garantir a “exploração auto-sustentável e conservação dos recursos renováveis, por populações extrativistas” e são regulamentadas pelas regras do SNUC e geridas pelo IBAMA. Os PAEs foram instituídos por Portaria Interna do INCRA na forma de instrumentos de Reforma Agrária.



IBAMA e uma organização representante dos seringueiros (associação ou cooperativa). O artigo quarto do decreto de criação da Resex determina: “A exploração autossustentável e a conservação dos recursos naturais será regulada por contrato de concessão real de uso”. O contrato contempla a União com o domínio sobre a área e a população da reserva extrativista o direito de uso real, que pode ser rescindido se descumpridas as cláusulas e condições. A rescisão ocorre em casos de danos ao meio ambiente e na transferência da concessão inter-vivos (DECRETO 98.897/90). Portanto a criação da Reserva Extrativista não garante aos seringueiros a propriedade da terra e submete a população camponesa da reserva à tutela do Estado, pois sua forma de viver e produzir está regulada pelas regras ambientais impostas<sup>7</sup>, além de estarem submetidos a normas estranhas ao seu modo de vida e de produção.

A partir daí muitas organizações (governamentais e não-governamentais) e inclusive o Governo do Acre (desde 1999, auto denominado de Governo da Floresta) passaram a “cavalgar” sob o manto do ambientalismo numa pretensa política de desenvolvimento sustentável. Tendo como ícone Chico Mendes, mas escamoteando seus ideais e do movimento dos seringueiros, que em síntese era o direito do acesso à terra onde viviam e se reproduziam, e não a defesa de mercantilização de toda a natureza, como tem sido desde 1999 com a implantação do manejo madeireiro, do REDD – Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal, do mercado de carbono entre outros projetos. Sobre os diversos negócios verdes implementados no Acre ver o documento da Plataforma Dhesca (2015).

O discurso do Governo da Floresta é que os conflitos fundiários no Acre estão resolvidos com a criação das Reservas Extrativistas, Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS), Projetos de Assentamento Extrativistas (PAE) e Projetos de Assentamento Florestal (PAF). O governo apresenta os problemas de terra como conflitos socioambientais, e a estes dá ênfase em projetos desenvolvidos com ONGs e outras organizações que têm desenvolvido uma gama de ações, ver Camely (2009), que visam expulsar os camponeses das terras em que vivem e construir imensas áreas de reservas sem população. Estas áreas servem aos interesses do imperialismo tanto para fonte de recursos naturais para a biotecnologia como a constituição de áreas de reserva para seu

---

<sup>7</sup> Sobre as conseqüências da constituição de áreas de proteção sobre a vida das pessoas que aí vivem e se reproduzem ver Dowie (2006) e os estudos e pesquisas do NUPAUB/USP (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras).

uso no futuro. A tabela 1 mostra os dados do latifúndio no Acre, ou seja, a divisão das terras em privadas e sob o controle do Estado.

**Tabela 1- O latifúndio no Acre**

<b>Tipo de área</b>	<b>Área(ha)</b>	<b>Participação na área total do Estado</b>
<b>Áreas privadas acima de 1000 ha</b>	<b>4.649.598</b>	<b>28,31 %</b>
<b>Áreas administradas pelo Estado</b>	<b>7.497.948</b>	<b>45,66 %</b>
Unidades de conservação	5.107.836	31,10 %
Terras Indígenas	2.390.112	14,55 %
<b>Total de área de latifúndio</b>	<b>12.147.546</b>	<b>73,96%</b>
Área total do Estado	16.422.136	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do ACRE, 2006.

Estamos denominando as áreas administradas e de propriedade do Estado (unidades de conservação e terras indígenas) na categoria da área de latifúndio (um latifúndio estatal) porque estas áreas são passíveis de serem transformadas em outros usos dependendo dos interesses de mineradoras, hidrelétricas, madeireiras, grandes pecuaristas, monocultura da soja e cana para biodiesel, etc. Conforme forem os ciclos de expansão e de uso dos grandes grupos monopolistas aos quais o Estado serve, em países dominados pelo imperialismo, em detrimento dos interesses do povo e da grande massa de camponeses.

Na Reserva Extrativista Chico Mendes, segundo informação da diretoria do STR de Xapuri, um grande número de famílias cria uma pequena quantidade de gado e apenas alguns produtores possuem um rebanho maior. Com a propaganda de combater o que denominou de “pecuarização da Reserva Chico Mendes” o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, atualmente denominado ICMBIO – Instituto Chico Mendes Para a Biodiversidade) realizou em novembro de 2008 a operação chamada de “Reserva Legal”. No período de 13 de dezembro de 2008 a 06 de janeiro de 2009 acompanhamos em Xapuri as conseqüências desta operação sobre a vida dos seringueiros e agricultores da Resex Chico Mendes.

Segundo informações do IBAMA foram notificadas por irregularidade 37 seringueiros e agricultores da RESEX e, destes, vários receberam multas e responderam a processo por crime ambiental. Segundo o IBAMA esta ação visava regularizar a situação

de pecuarização na reserva extrativista e a utilização ilegal de áreas por posseiros. Disto resultou um levantamento onde o IBAMA considerava que 25% das famílias da Reserva estavam em situação irregular o que poderia acarretar na retirada de mais de 300 famílias desta área<sup>8</sup>.

Participamos de uma reunião realizada no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, em 13/12/2008, cujo objetivo era discutir os impactos da “Operação Reserva Legal” do IBAMA sobre os agricultores e seringueiros.

O que ressaltamos da reunião no STR<sup>9</sup> é que a única organização que colocou-se à frente para defender os interesses dos seringueiros foi o STR de Xapuri. A posição do sindicato sobre as consequências da operação do IBAMA compreendia os seguintes pontos: 1) entendia que o problema de pecuarização da Resex Chico Mendes era consequência da falta de alternativas de geração de renda para os extrativistas; 2) as multas inviabilizavam a vida das famílias; 3) a retirada das famílias da Reserva agravaria o problema agrário na região; 4) o STR de Xapuri não assinou em 2005 o documento encaminhado ao Ministério Público requerendo a operação que o IBAMA realizou; 5) a situação das famílias da Reserva é de grande dificuldade devido à falta de políticas que garantam preços, escoamento e mercado aos produtos extrativistas. Além disso a população da RESEX não tem acesso aos serviços de educação e saúde.

Entendemos neste encontro a delimitação das posições tomadas pelos representantes das organizações dos seringueiros como reflexo do que denominamos da onguização dos movimentos de luta nesta região. Alguns aspectos reforçam nossa hipótese para este processo. Ocorreu, a partir da morte de Chico Mendes<sup>10</sup>, uma desmobilização dos seringueiros e dos pequenos agricultores e o consequente afastamento da principal demanda de luta, que era o problema da terra, decorrente da efetivação de alianças com várias ONGs e com o poder público local a partir de 1999.

Em 17/12/2008 ocorreu no STR de Xapuri uma reunião convocada pelo IBAMA para discutir os problemas ocasionados pela Operação Reserva Legal, na qual participaram mais de 150 seringueiros. Assistimos a este evento e constatamos a

---

<sup>8</sup> Na reunião do Conselho Gestor da Resex Chico Mendes Realizada em 30/10/2008 o IBAMA requeria neste conselho o pedido de áreas do INCRA para reassentamento das famílias que poderiam ser retiradas da Reserva.

<sup>9</sup> O STR de Xapuri passou um longo período cooptado pelo governo. Em 2006 assumiu sua presidência Dercy Telles que juntamente com outros militantes devolveu ao STR seu caráter combativo não o atrelando a partidos políticos e fazendo oposição às políticas estatais e em defesa dos seringueiros na RESEX. Em 2017 o governo do Acre conseguiu colocar na direção do STR de Xapuri seus representantes.

<sup>10</sup> O período pós-morte de Chico Mendes é apontado, em entrevista, por Osmarino Amâncio e Dercy Telles Cunha, como o marco na inflexão do caráter combativo das organizações dos seringueiros no Acre.

desmobilização da categoria <sup>11</sup> e o caráter de atrelamento das organizações dos trabalhadores ao poder estatal.

Para compreender a situação do conflito fundiário que a operação Reserva Legal do IBAMA colocou à mostra visitamos a localidade do Nova Esperança por ser o local onde esta intervenção foi mais abrangente. Este local tem uma constituição bastante diferente dos demais seringais da Reserva. O Seringal Nova Esperança transformou-se na Fazenda Nova Esperança no período da entrada dos pecuaristas nesta região. Está ocupado por 100 famílias de camponeses pobres e pequenos agricultores que fundaram a Associação dos Moradores e Produtores da Maloca e Juracir. Em 21/12/2008 assistimos a reunião da Associação que discutiu os problemas da operação do IBAMA.

Nesta reunião compareceram mais de 100 seringueiros e agricultores. Foi relatada a forma de truculência e violência da operação, pois os camponeses se sentiram humilhados e constrangidos pela presença da Polícia Federal e pela forma de atuação dos fiscais do IBAMA. Ocorreu uma denúncia de que técnicos do IBAMA tinham batido nas mãos de um menor e uma senhora denunciou que o técnico do IBAMA, José Carlos, ameaça e zomba dos agricultores.

Neste local entrevistamos oito camponeses. Destes, um foi multado pelo IBAMA no valor de R\$ 70.000, outro em R\$ 26.000,00 e uma camponesa no valor de R\$ 9.000,00. Um camponês está com hanseníase há oito anos <sup>12</sup>, trabalha por diária nas terras dos pequenos agricultores ou de fazendeiros locais. O que averiguamos na ida ao Nova Esperança é que, ao contrário do que dizia o IBAMA, este local é ocupado por pequenos agricultores e camponeses pobres e que as multas aí aplicadas inviabilizam a vida destas famílias que vivem da pequena agricultura e do extrativismo. Em torno de 60 % de sua produção agrícola são destinadas para consumo próprio e o excedente agrícola é vendido no mercado local <sup>13</sup>. Utilizam esta renda monetária, que segundo as entrevistas não alcança um valor do salário mínimo mensal, para comprar os demais produtos de sua necessidade como o sal, açúcar, café, óleo, sabão, combustível e munição para a atividade da caça.

---

<sup>11</sup> Segundo informações do STR de Xapuri, nas eleições da diretoria do sindicato em 2006 apenas 230 sindicalizados votaram, de um total de 3.000. A mesma situação de desmobilização no STR de Brasília, de 8.000 sindicalizados, em torno de 300 votaram nas últimas eleições.

<sup>12</sup> Um estudo recente que descreve a situação dos camponeses seringueiros da RESEX ver Castelo (2016).

<sup>13</sup> A análise sobre a produção familiar rural do Acre é encontrada no projeto ASPF (Análise Econômica da Produção Familiar Rural no Vale do Acre), do departamento de economia da UFAC.

Fonte: <http://www.ufac.br/projetos/aspf/index.htm>

No Nova Esperança a divisão da terra é diferente das demais localidades da Resex Chico Mendes. Ocorre que para ter o direito de uso na Reserva Chico Mendes tem-se que se adequar ao que está estabelecido no Plano de Manejo e no contrato de Cessão de Uso que é estabelecido entre o IBAMA e a Associação dos Moradores e Produtores de Xapuri (AMOPREX). A Reserva é composta de vários seringais que são divididos em colocações que têm em média 300 hectares cada colocação. A comunidade Maloca e Juraci no Nova Esperança possuem 100 famílias organizadas em lotes de 30 a 60 hectares. São camponeses pobres que ocuparam esta área como pequenos agricultores e da terra têm sobrevivido com as condições que são possíveis e sem nenhuma determinação estatal até a ocorrência da operação do IBAMA.

Na RESEX Chico Mendes visitamos a colocação Sossego no Seringal Sibéria onde entrevistamos duas famílias. A primeira, com dois filhos, vive exclusivamente da agricultura porque na sua colocação não tem seringa e a produção de castanha é pequena. Sua renda mensal com a venda de produtos agrícolas não alcança o valor de um salário mínimo. Esta família mora em casa de paxiúba (palmeira utilizada como madeira para as casas) e palha, com dois cômodos, utilizam fogão a lenha. Apontaram como problemas graves a falta de educação, pois a escola mais próxima fica a duas horas de viagem a pé; e o acesso à saúde, pois quando tem algum problema têm de deslocar-se para a cidade.

A outra família que entrevistamos, com três filhos, vive do extrativismo da seringa e da castanha, da agricultura de subsistência e do trabalho de diárias para um médio produtor de gado localizado no mesmo seringal. Nesta atividade trabalha brocando (limpar) o campo para pasto de gado, na temporada do verão, por R\$ 20,00 a diária. Apesar do governo local fazer ampla propaganda da atividade extrativista, fizemos os cálculos da renda anual deste seringueiro com a venda de látex para a fábrica estatal de preservativos NATEX<sup>14</sup> na cidade de Xapuri: em 2006 foi de R\$ 43,05, em 2007 R\$ 515,06 e em 2008 R\$ 496,09. Em maio de 2018 quando retornamos a pesquisa de campo neste local as mesmas famílias não obtiveram nenhuma renda monetária com a venda do látex pois em 2017 a NATEX não comprou a matéria prima dos seringais mais distantes e em 2018 fechou as portas.

---

<sup>14</sup> Fábrica de preservativos do governo do estado do Acre, fundada em 2007. Localizada na cidade de Xapuri, custou 35 milhões de reais e é apontada pelo governo como solução ao problema de garantia de venda do látex dos seringueiros da Reserva. Além da NATEX o governo incentivou outros empreendimentos estatais como a fábrica de tacos em Xapuri, a despoldadora de frutas e uma de beneficiamento de frango em Brasília. Estes empreendimentos são apontados pelo governo estadual como solução de emprego e renda para a população local. Embora já tenham sido inauguradas mais de uma vez apenas a NATEX estava funcionando até janeiro de 2009. Uma discussão mais aprofundada sobre a Nátex ver Ponte (2014). Em 22/05/18 foi anunciado o fechamento da NATEX.

Os problemas enfrentados na RESEX estão estreitamente relacionados à estrutura das causas do problema da terra no Acre e na Amazônia, ao problema da desmobilização da luta dos trabalhadores e da tutela e repressão dos órgãos ambientais sobre os que vivem em unidades de conservação, conforme esclarece Dercy Teles Cunha em 2008 e reafirma a mesma posição em 2018:

*A criação da RESEX não resolveu o problema da terra. Hoje os seringueiros estão sob a tutela dos órgãos do estado, como o IBAMA, que impõe regras que impedem a produção. Viver apenas do extrativismo não é possível. Durante estes 30 anos não foi desenvolvida uma política que garantisse mercado para os produtos extrativistas. Hoje viver exclusivamente do extrativismo é estar condenado a viver na miséria. A situação da maioria dos extrativistas é ter de colocar dez latas de castanha num burro e andar dois ou três dias para vender este produto. O mesmo com a borracha e para esta a situação do mercado é muito pior. Dentro da RESEX falta caminho, ponte, o que dificulta e até impossibilita o escoamento da produção. A agricultura também é uma dificuldade, um agricultor me disse que “cansou de plantar milho para criar gorgulho”. É por estas dificuldades extremas que alguns foram criar gado, porque para o gado não falta mercado e ele chega até o mercado com as próprias pernas ou mesmo o comprador vai até lá buscar. Isto é o principal problema dos seringueiros, não ter como viver com dignidade. O acesso à saúde e à educação são inexistentes, se nem na cidade se tem acesso, imagine no campo.*

*A ideia que se tinha era que a Reserva Extrativista seria gerenciada pelo seringueiro. Toda essa mudança, essa burocratização, ela se deu ao longo da pelegagem, depois que os líderes do movimento deixaram de representar os interesses dos trabalhadores. Porque este Plano de Utilização da Resex acaba sendo um tiro no pé da pessoa. Porque do jeito que este plano do IBAMA veta todas as atividades complementares, mas que na realidade são principais, porque o extrativismo está desvalorizado, e os produtos extrativistas que são citados como possibilidades, simplesmente não existem, porque não existe uma política de mercado que dê alguma garantia a estes produtos. Então os trabalhadores da Reserva estão sem alternativas de continuarem vivendo na Reserva, porque do extrativismo é impossível viver e as atividades complementares são inviabilizadas pelas normas estabelecidas pelas regras ambientais.*

Os seringueiros, que duramente lutaram pela terra no movimento dos empates e na luta dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, poderiam ter considerado que chegaram ao poder (como em geral entende-se ocupar postos no aparelho governamental) devido à gama de acontecimentos que elevaram lideranças deste movimento a cargos no executivo, legislativo e no aparelho de Estado. O ex-presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Júlio Barbosa, foi eleito prefeito de Xapuri pelo PT no período de (1996-2004)<sup>15</sup>. Raimundo de Barros, apontado como sucessor de Chico Mendes, foi

---

<sup>15</sup> No final da Gestão de Júlio Barbosa ocorreu um incêndio na sede da prefeitura de Xapuri, até hoje não esclarecido. Em 19/06/09 Júlio Barbosa foi condenado pela juíza da Vara Cível da Comarca de Xapuri, Zenair Ferreira Bueno, a ressarcir R\$ 28.340,86 aos cofres públicos. O ex-prefeito teve ainda os direitos políticos suspensos por cinco anos, bem como proibição de contratar com o Poder Público, receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, pelo prazo também de cinco anos. A condenação do ex-prefeito se deu após ficar provado que o mesmo

vereador pelo PT em Xapuri no período 1989-2004, e neste período também ocupou cargos no STR de Xapuri. Em 2009 foi vice-presidente da FETACRE, organização que também está cooptada pelo Estado por ter uma política de defesa dos interesses dos projetos do governo e não exercer seu papel de articulador da luta classista dos trabalhadores rurais no Acre.

O Partido dos Trabalhadores (PT) no Acre teve sua ascensão ligada ao movimento seringueiro e chegou ao poder estadual em uma frente de vários partidos que governa o estado desde 1999. Após o assassinato de Chico Mendes, passou a usar a imagem dele como ícone do governo estadual autodenominado de ‘Governo da Floresta’. Desde a campanha eleitoral de 1990, o PT do Acre aciona a trajetória do movimento seringueiro como símbolo da identidade acreana, da acreanidade. Segundo Moraes (2008) esta construção identitária tem contribuído para o consenso em torno das políticas públicas de cunho ambientalista no estado do Acre (MORAIS, 2008).

Marina Silva foi Ministra do Meio-Ambiente (2003-2008) no governo Lula. Seu nome foi indicado em Washington pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, juntamente com a indicação do nome de Henrique Meirelles para a presidência do Banco Central do Brasil. Durante a gestão de Marina Silva foi aprovada a Lei de Gestão das Florestas Públicas que significa a regularização do saque e da pilhagem sobre os recursos da Amazônia. Sobre este processo de ascensão de antigos militantes ao aparelho do Estado, explica Osmarino Amâncio:

*Nós achávamos que tínhamos chegado ao poder, era vereador, prefeito, governador, senadora e até presidente, tudo companheiro. Aí eu achei que a gente até podia ir para casa. Mas não podia, porque os problemas pioraram. A política da Marina Silva no Ministério do Meio Ambiente foi uma traição. Nenhum governo anterior aceitou o que ela fez. Primeiro foram os transgênicos, depois criou a Lei de Gestão das Florestas Públicas, que significa o entreguismo de 60 milhões de hectares da Amazônia. Ela ajudou a consolidar e entregar para a iniciativa privada, multinacionais e ONGs um processo de arrendamento destas terras por 40 anos, que podem ser renovados por mais 30 anos. Isto significa a mercantilização de toda a região. Agora foi legalizada a grilagem de terras, são mais de 60 milhões de hectares. Tudo projeto para monocultura de soja e cana para o etanol e o biodiesel, e também para pecuária.*

---

ordenou a realização de despesas não autorizadas em lei e por ter liberado verba pública sem a estrita observância das normas pertinentes. Fonte: [www.ac24horas.com.br/em19/06/2009](http://www.ac24horas.com.br/em19/06/2009).

### **3 - A situação dos Seringueiros por eles mesmos 30 anos depois do assassinato de Chico Mendes**

Após sofrerem por anos todos os tipos de humilhação, retratadas por Euclides da Cunha, os nordestinos que foram para a Amazônia são convertidos na Segunda Guerra Mundial a protagonistas do esforço nacional contra o nazifascismo, *os soldados da borracha*. Tal heroísmo na verdade consistia em extensas jornadas de trabalho, em condições insalubres e perigosas, onde o saldo desse empreendimento majoritariamente era a dívida para o seringueiro e por fim sua morte (um seringueiro vai diminuindo seu vigor para o trabalho aos 25 anos).

Dos anos 70 a 80 do século XX quando a atividade de extrativismo da borracha estava em plena decadência, a violência do latifúndio contra os seringueiros/posseiros torna-se cotidiana, não que não existisse antes. Do Norte chega a ajuda com novos tipos de missionários com seus GPS e computadores, “empoderando” os defensores da floresta para protagonizar um novo alvorecer: salvar o planeta tornando aquelas terras reservas. O clamor contra a destruição da Amazônia comovia os que estavam preocupados com as gerações futuras, a qualquer custo.

A criação da Reserva Extrativista, apontada como solução do problema da terra, resolveria a concentração secular com propriedade estatal (que não significa pública) e a posse pelos guardiões da floresta – os povos da floresta. A Reforma Agrária da Amazônia, diziam os formuladores que estavam no Norte, e concediam a originalidade de tal proposta a pretensos intelectuais tupiniquins que apelando de uma forma romântica aos tempos de tantos sofrimentos reconstruiriam uma nova base econômica: cooperativas, escolas, postos de saúde, industrialização dos produtos da floresta, nichos de mercado voltados para a pequena burguesia da cidade, por fim o céu na terra. Isto tudo sem descuidar da superestrutura, um hino, o hino do seringueiro, uma alfabetização partindo das palavras-geradoras do seu próprio mundo, um discurso que confronta a cidade como o mau ao contrário do campo (nos mais longínquos lugares esse discurso tem sido inculcado pelos novos missionários e seus coroinhas).

Isto tudo poderia se tornar possível se esses protagonistas tivessem seus representantes no governo estadual, parlamento e Presidência da República. Eles acreditaram que isto ocorreu. A propaganda estatal dizia que todas as guerras passadas, para tornar o Acre território brasileiro, o esforço de guerra, as lutas contra o latifúndio se



encerraram, como canta Xangai em *Rei do Sertão: Acabou-se a guerra vem plantar feijão*.

Partindo de Lenin para entender o imperialismo, tomando as políticas gestadas por este no campo do ambientalismo, o engenhoso mecanismo de aplicação dessas políticas, principalmente nos países dominados, estudamos a aplicação concreta deste problema no caso do Estado do Acre.

Um conjunto de negócios, sob o manto do ambientalismo, foram implementados pelo autodenominado Governo da Floresta no Estado do Acre (1999 – até o momento) levando o Acre a ser eleito como exemplo de política pública para Economia Verde no Brasil<sup>16</sup>. Dos negócios ambientais implementados os que mais se destacam é o Manejo de Madeira, o Pagamento por Serviços Ambientais -PSA e a Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal-REDD. O Relatório da Plataforma Dhesca<sup>17</sup> realiza um levantamento sobre estas ações e seus impactos sobre as populações que vivem na floresta. A partir deste documento reproduzimos os principais problemas enfrentados pelas comunidades da RESEX Chico Mendes onde foram implementados os projetos de manejo de madeira (DHESCA, 2015, p. 17-18):

- Ausência de regularização da posse da terra;
- Diminuição do território disponível para a realização de atividades extrativistas tradicionais (retirada do látex e coleta e quebra da castanha) além do roçado para agricultura familiar;
- Impactos ambientais, como a fuga dos animais de caça (principal fonte alimentar das famílias); em decorrência do desmatamento acarretado pelo manejo madeireiro;
- grande acúmulo de sedimentos decorrentes da extração das árvores impede que os seringueiros transitem livremente pelos caminhos que os levam à extração do látex e a coleta da castanha;
- baixa remuneração e atraso do pagamento pelo manejo de madeira;
- os órgãos públicos envolvidos com o manejo não cumpriram as promessas que fizeram para convencer os seringueiros de aceitarem esta atividade: trazer mais escolas, transporte escolar e postos de saúde;
- restrições ambientais aos modos de vida da população de extrativistas (impedimentos à caça, pesca e coleta de frutos e sementes) em detrimento da falta de rigor em aplicar as regras ambientais no manejo de madeira;
- baixa participação da comunidade na elaboração do inventário florestal e da ordenação do manejo;
- desacordo entre as famílias do manejo em relação à atuação da Cooperativa dos Produtores Florestais Comunitários (Cooperfloresta), responsável pela comercialização dos produtos do manejo, assim como em relação à concentração da maior parte dos rendimentos na Cooperativa;

---

<sup>16</sup> A Rio + 20 publicou um relatório onde encontra-se conceituado o que hoje denomina-se de Economia Verde.

[http://www.rio20.gov.br/documentos/relatorio-rio-20/1.-relatorio-rio-20/at\\_download/relatorio\\_rio20.pdf](http://www.rio20.gov.br/documentos/relatorio-rio-20/1.-relatorio-rio-20/at_download/relatorio_rio20.pdf)  
Quem deu o prêmio foi o conselho consultivo do *The Greenovation Initiative*  
<http://www.agencia.ac.gov.br/acre-eleito-exemplo-de-economia-verde-para-o-brasil/>, acesso em 11/06/18.

<sup>17</sup> [http://www.plataformadh.org.br/files/2015/08/economia\\_verde\\_relatorio.pdf](http://www.plataformadh.org.br/files/2015/08/economia_verde_relatorio.pdf)

- desacordo sobre o processo de certificação do selo verde - FSC realizado pelo Instituto de Certificação e Manejo (IMAFLORE);
- A entrada de pessoas de fora da comunidade causa problemas como o assédio sexual a mulheres e meninas, dentre outros (DHESCA, 2015, p.17-18).

Segundo o STR de Xapuri (em entrevista realizada em 2015) o valor repassado às famílias que trabalharam no manejo madeireiro era irrisório (R\$ 60,00/metro cúbico) já que “em outros locais os valores variam de R\$ 150,00 a R\$ 600,00 por metro cúbico”. Regressamos à pesquisa de campo em Xapuri em maio de 2018 com o objetivo de entrevistar as lideranças do movimento dos seringueiros, e que não foram cooptados pelos governos locais, para que eles fizessem um balanço dos 30 anos sem Chico Mendes e da vida dos seringueiros na Resex Chico Mendes.

Sobre o Manejo de Madeira declara Dercy Telles em entrevista realizada em 06/05/2018, no PDS Floresta.

*Eu acho que é uma atividade extremamente predatória e que não traz nenhum benefício para os moradores da floresta. Eu a considero como predatória porque além de levar as árvores de madeira de lei, ela provoca uma ausência dos animais de caça porque tira as árvores que produzem os alimentos para os animais de caça e a tendência é que se esta atividade continuar será a desertificação da floresta. O manejo interfere em todo o meio ambiente e até com as nascentes de água.....*

*O Atito foi um dos que fez manejo e ele disse que fez manejo porque o sonho dele era comprar uma moto mas quando ele recebeu o dinheiro do manejo ele viu que não dava nem para comprar uma bicicleta barrela (segundo ele) ele diz que nem quer mais saber de manejo na terra dele.*

*Tem várias famílias que se decepcionaram com o manejo porque se sentiram enganadas....*

*O manejo não tem nada de comunitário.... Na realidade é tudo empresarial, a participação da comunidade é só autorizar a retirada em sua área. Tiram o Jatobá, Aguana, Cumarú de Ferro, Cerejeira. E as famílias quando querem desistir do manejo não podem fazê-lo imediatamente pois exige-se que o manejo ainda siga por um período para que se cobre os custos de inventário da área. Não sabemos bem como isto ocorre porque nunca vimos um contrato que as famílias assinaram. Declaro isto baseado nos fatos que vivenciamos em todos estes anos que estive a frente do STR de Xapuri.*

Na pesquisa de campo em maio de 2018 na cidade de Xapuri fomos no Ramal da Pimenteira e na colocação Sossego. Na Pimenteira, apesar de sua proximidade ao município de Xapuri, as famílias de seringueiros relataram que são assolados por velhos e novos problemas, entre estes destacam-se:

- 1) Os principais produtos do extrativismo, a borracha e a castanha, não garantem uma renda mínima para que as famílias dediquem-se ao extrativismo. Com isto praticamente todas as famílias que entrevistamos possuem alguma atividade de

criação de gado. O tamanho do rebanho varia de 30 cabeças (pequeno produtor) até 300 e 1.000 cabeças (médio e grande produtor) Fomos informados que existe um grande produtor na RESEX e que a grande maioria, dos que têm gado, são pequenos produtores. A falência da atividade extrativista deve-se ao fato da inoperância governamental em fomentar estas atividades (da seringa e da castanha). Embora o governo local tenha criado projetos, leis e fábricas de beneficiamento da borracha e da castanha, e também cooperativas de beneficiamento e comercialização, atualmente estes projetos encontram-se todos falidos. O último suspiro da fábrica de preservativos (NATEX) findou-se em maio último quando esta encerrou suas atividades. A castanha que chegou a alcançar o preço de R\$ 140,00/lata no ano de 2017, em 2018 levou a ruína ainda mais os seringueiros que dedicaram-se à sua extração já que o preço da lata era de R\$ 25,00 a R\$ 35,00 em maio de 2018. Os entrevistados nos informaram que isto ocorre devido ao fato do governo do Acre ter feito um acordo comercial com as grandes fábricas de beneficiamento de castanha da Bolívia e do Peru que leva a impossibilidade destas comprarem a castanha *in natura* dos seringueiros da RESEX Chico Mendes. Com isto o único comprador de castanha dos seringueiros é a COOPERACRE – Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre, o que configura um monopólio.

- 2) A entrada do manejo madeireiro, implementado sob o véu do desenvolvimento sustentado, não trouxe benefícios para a renda das famílias pois quem ganha com a retirada da madeira são as grandes empresas de beneficiamento madeireiro. Além disso esta atividade causa sérios danos ambientais (apesar de seu viés esverdeado) e também retira das famílias a possibilidade de dedicar-se às atividades do extrativismo e da agricultura familiar.
- 3) A implantação do REDD e seus efeitos ainda precisam ser estudados. Podemos no momento inferir que quem ganhará com este mercado será o capital financeiro e com este as famílias de seringueiros não podem concorrer.
- 4) A atividade de agricultura para subsistência e comercialização é duramente afetada pelas condições de trabalho – nenhuma mecanização, falta de assistência técnica e de financiamento – além das inexistentes condições para o escoamento da produção.
- 5) Os seringueiros encontram-se mais uma vez pressionados pelo grande latifúndio pois os grandes fazendeiros em torno da RESEX passaram a determinar que suas

áreas de floresta (reserva ambiental para cumprimento da lei) encontram-se nas terras dos seringueiros.

As famílias e lideranças dos Seringueiros entrevistados (Dercy Telles, Pedro Telles, Osmarino Amâncio, Luiz Targino e Antônio Cândido) foram unânimes em afirmar que a mercantilização e implementação de negócios “verdes” na RESEX Chico Mendes não melhorou a vida daqueles que aí vivem. As famílias enfrentam graves problemas econômicos e seguem sem acesso à saúde e educação. Com isto ocorre a migração forçada dos mais jovens para as cidades que nada tem a oferecê-los, a não ser o subemprego e o tráfico de drogas. A capital do Acre é hoje uma das cidades mais violenta do país<sup>18</sup> e a que apresenta os maiores índices de desemprego. Na RESEX aqueles que aí resistem ainda enfrentam graves problemas de saúde como a leishmaniose, que atinge muitas pessoas, acidentes com a retirada de madeira, com a coleta da castanha e acidentes com animais peçonhentos e predadores.

A propaganda oficial do Estado é de que os problemas enfrentados pelos seringueiros como a falta do acesso à terra, educação e saúde, à garantia de preços e compradores aos produtos extrativistas estão todos resolvidos com as políticas que o governo estadual tem implementado no Acre desde 1999. O que averiguamos nas entrevistas é que a situação dos seringueiros é de completo abandono. A política pública para o extrativismo é um fracasso, a cooperativa está falida, total endividamento dos produtores que adquiriram financiamento no Banco da Amazônia para as atividades que o governo incentivou de plantação de café, pupunha e pimenta longa, inexistência de serviços de educação e saúde, e, atualmente, as multas e processos por ‘crime ambiental’ aplicados pelo IBAMA e a ameaça de serem expulsos das terras onde vivem. Nas entrevistas realizadas averiguamos que as famílias na Reserva enfrentam uma realidade muito distante daquela alardeada pela propaganda estatal a despeito do montante de recursos, projetos e ações que foram implementados nesta região desde a entrada das ONGs e projetos estatais da pretensa sustentabilidade.

Osmarino Amâncio declarou que o Governo da Floresta não é o Governo dos Povos da Floresta. Assim o afirma pois o Governo tem implementado no Estado do Acre uma série de medidas e de negócios sob o manto do ambientalismo, algo como ‘o

---

18

<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/como-execucoes-e-decapitacoes-transformaram-a-pacata-rio-branco-em-capital-da-violencia.ghtml>, acesso em 01/07/18

capitalismo lava mais verde'. Isto engloba os negócios do Manejo Florestal Sustentável (MFS), da Política de Valorização do Ativo Ambiental Florestal (PVAAF) e do SISA (Sistema de Incentivos aos Serviços Ambientais). Este último envolve: carbono florestal, sociobiodiversidade, recursos hídricos, regulação do clima e valorização cultural e tradicional. No capitalismo o que temos ao certo é que tudo pode transforma-se em mercadoria e que certamente não serão os camponeses das florestas amazônicas que irão usufruir dos resultados destes negócios verdes que custam o sangue daqueles que securalemente têm vivido na Amazônia.

No ano de 2018 fazem 30 anos do assassinato de Chico Mendes morto pelo latifúndio por ser a maior liderança da luta do movimento dos seringueiros no Acre que levantaram-se nos empates para lutar pela terra e do que mais precioso havia nela: a floresta com seringueiras e castanheiras.

Francisco Mendes Alves Filho, o Chico Mendes, converteu-se na mais importante liderança do movimento dos seringueiros. Sua atuação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri foi marcada por uma atuação denodada aos diversos interesses econômicos dos camponeses da região, extrativistas, agricultores e outros trabalhadores que recorriam ao sindicato para encontrar solução aos seus problemas, desde conflitos entre vizinhos, agressões dos latifundiários contra os posseiros, relações com os governos, etc. Seu trato com os deserdados da terra era direto e fraterno, movido sempre por um sentimento de justiça e tomando em conta sempre o direito daqueles de se rebelarem.

Sua compreensão política evoluía e o nível da luta de classes na região permitiu-lhe tratar de diversos problemas candentes com um grau superior de perspicácia. Suas ideias eram difundidas em um jornal do estado do Acre permitindo ampliar o apoio à luta dos seringueiros principalmente entre a pequena burguesia da cidade. Teve que enfrentar a sanha dos latifundiários que buscavam por todos os meios disponíveis denegrir sua imagem diante da opinião pública, também parte da igreja católica o perseguia utilizando de sua capilaridade no campo. O grande desafio foi sua relação com o movimento ambientalista, com organizações não governamentais que se tornaram aliados da luta dos seringueiros. As “soluções encontradas” para resolver o problema da terra partiam de uma demanda real dos seringueiros, continuar tendo as extensas áreas necessária às suas atividades extrativistas, para garantir sua reprodução. Converter essas terras em áreas de propriedade do Estado e aos seringueiros a posse. O caráter capitalista desse Estado definia que suas políticas, submetidas à dominação imperialista, de fato não

se concretizaram em melhoria da vida dos seringueiros. A imensa propaganda da originalidade de tal proposta confundiu a muitos e semeou o já existente ódio dos grandes proprietários a tudo que fosse sinal de democracia, Chico Mendes, como tantos outros, pagou com a vida ao tomar a decisão de lutar pela terra em favor dos seringueiros.

Este trabalho dá voz àqueles que não se venderam e tampouco deixaram-se cooptar pelos encantos do discurso da propagandeada sustentabilidade. Antes algumas palavras sobre porque entendemos que o fogo da luta de classes os legitima e lhes dá autoridade como os verdadeiros herdeiros da luta que travaram ombro a ombro com Chico Mendes e outros lutadores.

---

As sucessivas vitórias no campo político por parte do PT no Acre, tendo por sustentação a luta dos seringueiros, permitiu-lhe construir uma esmagadora propaganda de suas políticas econômicas, sociais etc., propaganda sustentada e difundida também em todo o país e fora dele por organizações ambientalistas. Por baixo desse manto de pretensa sustentabilidade mantinha-se e até agora mantêm-se relações de produção semifeudais. Os camponeses da região estão submetidos a vários regulamentos quanto ao uso da terra, o que e quanto produzir, multas ambientais e outras violências. A condição combatida da maioria dos camponeses os colocam à beira do abismo econômico. Os ataques dos latifundiários sobre o local em que vivem são permanentes, abandono e solidão. A maioria dos que vivem nessa condição não conseguem expressar seu descontentamento pois enfrentam inimigos poderosos: o Estado, o latifúndio, os atravessadores, e nas cidades ainda o desprezo. Os raros habitantes desse universo que ousaram dissentir, falam com propriedade e coragem; também foram fundadores do PT, também são sócios do sindicato, também sofrem as agruras de sua condição econômica e social que ainda lembra os tempos passados que alguns querem glorificar. O valor destes homens e mulheres que ousam enfrentar os deuses do olimpo é imenso. Eles representam a semente de uma nova organização cuja experiência significou pagar um preço alto, alguns com sua própria vida, para construir o céu na terra, tendo certamente que sempre, aqui mesmo, passar pelo inferno. Dias melhores virão no que pese os discursos aparentemente pessimistas de alguns dos entrevistados o que não obscurece o futuro já semeado daqueles que nunca se dobraram.

Com a palavra os seringueiros – militantes da luta pela terra - e seus balanços sobre os 30 anos sem Chico Mendes<sup>19</sup>, com a perspicácia que lhes dá a luta de classes, dizem de sua maneira aquilo que buscamos demonstrar:

**Luiz Targino, 85 anos.** Seringueiro e migrante nordestino. Foi fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia e Xapuri. Participou da diretoria do STR de Xapuri de sua fundação até a morte de Chico Mendes. Foi segurança de Chico Mendes durante oito anos onde por duas vezes salvou Chico Mendes das tocaias. Mantêm-se firme nos princípios de defesa dos camponeses. Declarou em entrevista que realizamos em Xapuri em frente a casa de Chico Mendes no dia 08/05/2018:

*“Eu lutei ao lado dos seringueiros desde o início e também ao lado do Chico. Hoje o governo e o Sindicato falam em nome do Chico mas traíram os ideais. A defesa nossa e do Chico era a defesa da terra e da natureza, pois tudo que precisamos a natureza nos dá e por isto não deveria acontecer o que está acontecendo hoje a derrubada das matas na Reserva com este negócio de manejo de Madeira, isto é uma enganação do povo. O Sindicato fala em defender os trabalhadores rurais mais o sindicato hoje é como patrão. O meu filho mesmo é presidente do STR de Xapuri mas, ganha salário do governo há 27 anos. Então como pode isto? O Sindicato é para defender os trabalhadores e não para ficar ao lado dos mal feitos do patrão. Eu me lembro bem do dia do assassinato do Chico. Cometeram essa desgraça com um homem tão bom que só queria defender o povo e a natureza. Eu mesmo fui segurança do Chico durante muito tempo e naquele tempo o fazendeiro não se atrevia a vir matar o Chico porque também tinha medo de morrer. “*

---

**Osmarino Amâncio:** Líder do Movimento Seringueiro lutou ao lado de Wilson Pinheiro e Chico Mendes. Foi apontado como sucessor de Chico Mendes e é ativo militante e liderança da luta pela terra na Amazônia. Vive na colocação “Pega Fogo” onde trabalha na atividade camponesa.

*“Quando o Chico morreu nós ficamos uns dois anos tontos pois o mundo todo veio para cima de nós. Era tanta organização internacional e ONGs que a gente não sabia o que fazer. Sempre falamos internamente no movimento que se um de nós moresse outros dez poderiam assumir, porém a morte do Chico foi um baque para nós. O Chico era um grande líder, um intelectual, um articulador. Com a chegada do PT ao governo do Acre ele logo se alçou a condição de Governo da Floresta no lugar de ter como slogan o ‘Governo dos Povos da Floresta’. Portanto depois de todos estes anos nós não temos o que comemorar. É verdade que a criação da RESEX foi uma vitória mas hoje não temos do que comemorar. Existe um processo de mercantilização enorme via ONGs, USAID e outras organizações do imperialismo (...) O governo garante o incentivo à retirada da Madeira e a criação de gado. E além disso tudo tem a implantação do REDD e dos Pagamentos por Serviços Ambientais. Grandes negócios e por isto a Reseva é um bom negócio para o grande capital. A WWF é quem mais incentiva a retirada de Madeira. Além disso tem esse negócio que inventaram de colocar piscicultura com a criação de um monte de açudes na Reseva,*

---

<sup>19</sup> A entrevista com Dercy e Pedro Telles foi realizada na Pimenteira em 06/05/18. Osmarino Amâncio foi entrevistado por nós em Xapuri no dia 07/05/18 e Luis Targino e Antonio Candido deram seus depoimentos em Xapuri no dia 08/05/18.

*isto é um problema e não tem nada a ver com a nossa cultura de extrativista. Assim está a Amazônia toda entregue ao grande capital. São os projetos do IIRSA, a BR do Pacífico, madeiras, hidrelétricas, Mercado de carbono e petróleo. Sem falar no avanço do agronegócio para nossa região. Por isto afirmo que os 30 anos sem Chico Mendes tem servido ao governo, às grandes ONGs, ao agronegócio. Antes tínhamos um movimento forte e hoje praticamente todas as lideranças estão atreladas e foram cooptadas pelo governo. Outro problema grave que sofremos é a perseguição dos órgãos ambientais para com os extrativistas. Hoje em dia o seringueiro nem pode tirar uma estaca para fazer uma cerca e nem matar uma caça para a gente se alimentar. A vida toda o seringueiro foi criado comendo jabuti no leite da castanha. Fomos nós que criamos a Reserva e fomos nós e nossos antepassados que fizeram com que a floresta esteja em pé até hoje em dia. Nós só sabemos tirar seringa e quebrar castanha. Esta é nossa vocação de extrativista. Temos que nos manter na luta e denunciar os traidores do movimento como a Marina Silva que criou a Lei de Florestas Públicas quando era ministra e que entrega a floresta para os gringos. A Amazônia, a floresta é do nosso povo”!*

**Pedro Telles:** Seringueiro e ativista. Fundador do STR e do PT em Xapuri. Foi professor do Projeto Seringueiro. Atualmente é professor de geografia.

*“ Se esperava que com a morte do Chico que cada extrativista continuasse sendo extrativista, é por isto que foi criada a Reserva Chico Mendes e outras Reservas. E isto desandou para uma coisa diferente e hoje poucos tem se dado bem com a história do Chico e a maioria dos que lutaram pela preservação da floresta e a luta pela posse da terra hoje estão à mercê da sorte (...) Os que vivem na floresta continuam com uma situação ruim pois não tem preço para os produtos extrativistas e para finalizar a situação da castanha já que os deputados não defendem direitos dos trabalhadores só defendem os direitos dos empresários.*

*Os poucos que ganham a custa da morte do Chico são aqueles que se deixaram levar pelo governo e ganham para isto para dizer que ‘o errado está bom’. O pessoal do Cachoeira também estão bem porque tem gente aí que ganha DAS para dizer que tudo está bem.*

*O governo diz que faz um monte de coisa em nome do Chico. Nós sabemos que veio muito dinheiro para cá com a questão da preservação ambiental e de fato de preservação não existe nada.*

---

*Hoje quem vive da terra aqui tem que se apegar na criação do gado. Nos seringais quem vivia da borracha não tem mais quem compre o produto. Tem gente com castanha estocada porque o preço está muito baixo. O resto dos produtos que a floresta oferece, mesmo que tenham mercado, não existe um incentivo do governo para que estes produtos sejam explorados. O açaí, as essências florestais e outros produtos que a floresta oferece. Existe a CooperAcre e dizem que ela abrange todo este mercado de frutas, mas até agora não chegou para os seringueiros. Existem locais que não tem como escoar nada, os seringueiros não tem acesso nenhum. Se você for por exemplo a São Francisco de Iracema e outros lugares que não tem ramais as pessoas vivem miseravelmente. Eles não conseguem vender nada para comprar os produtos que precisam como o sal, o açúcar, o sabão. Então existe muita precariedade. Às vezes se vê uma propaganda bonita, mas a propaganda é feita nos locais aonde as pessoas estão bem de vida.*

*Hoje para melhorar as condições de vida não é fazer só banheiros, como estes projetos que vieram pra cá, não é só crédito habitação. Para o povo melhorar de vida é necessário criar um mercado para a produção dele e abrir ramal para escoar.*

*O principal sonho nosso na época do Chico era que os extrativistas não estivessem sendo atormentados pelos falsos donos da terra ou até pelos donos mesmos da terra e ter escolas para educar os filhos e ter o preço dos produtos extrativistas. A gente tinha uma grande esperança com o Partido dos Trabalhadores na época. Eu, Dercy e outros fomos fundadores do PT em Xapuri e a gente tinha a esperança que se um dia o Partido dos Trabalhadores fosse administrar o município e mesmo o país a gente (o povo) seria os beneficiados com a administração do PT, mas ocorreu o*



*contrário. Nos 30 anos sem Chico tivemos um retrocesso, o que se esperava não aconteceu. O governo do Acre quer ser o dono da Reserva, mas a Reserva é da União, é de todos!*

**Dercy Telles:** Seringueira. Foi presidente do STR de Xapuri em agosto de 1981. Assumiu novamente a direção do STR por dois mandatos (2006-2009; 2009 – 2013) e como vice-presidente de 2013-2017. Atualmente é presidente da Associação dos Produtores Rurais do Ramal da Pimenteira. Além disso trabalha na terra onde vive da atividade camponesa.

*A avaliação que eu faço é que houve um retrocesso muito grande daquilo que se defendia para a classe trabalhadora rural, para os extrativistas. Falo tanto do que aconteceu quanto ao que está acontecendo. Na verdade tudo aquilo que a gente sonhou e defendia não aconteceu. Existe mesmo é uma política de enganação em nome do Chico Mendes, inclusive dizendo que o sonho do Chico Mendes está sendo realizado porque as pessoas estão sobrevivendo com a Floresta em pé e eu nunca vi floresta deitada, toda floresta é em pé. Na hora que ela está deitada ela já foi derrubada.... Tudo que o Chico Mendes defendia não ocorre porque ele defendia a vida na floresta com dignidade e sua manutenção e preservação porque precisamos da floresta para viver. Não adianta insistir que nós da Amazônia vamos nos adaptar a alguma outra atividade como plantios de cacau e outras coisas... Isto não faz parte da nossa cultura. Nosso modo de vida é o extrativismo, tirar da natureza o que ela já nos deu pronto e fazer agricultura de subsistência. Foi assim que a gente nasceu e vive até agora.*

*Tudo que a gente defendia, e a partir da promoção do PT em todos os níveis, foi distorcida a política que a gente defendia e o PT passou a defender a política do grande capital que é quem financia as eleições e os candidatos que se elegem. A Marina é tratada pelos seringueiros como uma traidora do projeto idealizado pelos trabalhadores e que ela participou.*

*Nestes 30 anos tudo que foi construído de organização dos trabalhadores foi destruído pela interferência do Estado, a oferta de benesses para as principais lideranças que conduziam o movimento ... e porque também a desmobilização da sociedade é essencial para se implantar o que aí está porque com a sociedade mobilizada ficaria difícil se chegar ao patamar que se chegou.*

*O que ocorre hoje na Reserva é que existe uma expulsão moderna desde que implantou-se manejo e REDD porque estas atividades causam danos e estranhamento na vida dos extrativistas que a elas não se adaptam e eles e seus filhos acabam indo embora. Não tem mais a força policial, mas, tem uma estratégia de expulsão tão sutil que as pessoas saem de 'livre vontade' que ninguém nem vê que elas foram expulsos. As pessoas vão buscar novas alternativas e embora elas não existam e a juventude acaba indo para a delinquência e o Estado do Acre hoje é um dos mais violentos do país em assassinatos. De sustentabilidade esse modelo nada tem, apesar de todas as medidas, propagandas e leis que foram feitas. O principal da sustentabilidade é o ser humano e sem a sustentabilidade do ser humano não existe nada pois quem conduz quem garante a sustentabilidade são as pessoas; se estas pessoas não tem uma renda para garantir um mínimo logo não tem como as pessoas permanecerem na Reserva Chico Mendes.*

**Antônio Cândido da Silva** (66 anos), seringueiro e militante da luta pela terra.

*Eu lutei pela minha colocação e não só por ela como por todos....Ainda hoje eu vivo nela, nunca vendi nem troco e nem dou. E hoje eu estou vendo os escangalhos (quebrado, destruído) que está ocorrendo na floresta. (...) estão tirando a madeira, tirando a mata do seringueiro, fazendo danos, tirando o alimento. Eles estão tirando toda a madeira. A luta do Chico Mendes e nossa eles estão descartando completamente e estão colocando o STR*

*e a COOPERACRE como linha de frente da retirada de madeira. Eles dizem que a cooperativa é uma empresa do seringueiro, mas, a cooperacre é do governo, é uma enganação dos seringueiros. A castanha este ano (2018) nada rendeu (...) a lata está a R\$ 35,00 e no ano passado chegou a R\$ 250,00. A situação de quem vive na Resex Chico Mendes é que o pessoal passa a criar boi por necessidade e o governo incentiva a retirada da madeira. Incentivam hoje a fazer grandes plantios de café... isto é um incentivo à destruição. Isto é o que o governo incentiva. Quem deveria nos defender é o STR, ele é o símbolo do Chico Mendes. Agora querem plantar capim e criar boi dentro da reserva. Ainda hoje existem fazendeiros tentando tirar nossa colocação. Nós botemos o peito à frente para conseguir nossa terra. E agora os fazendeiros querem dizer que a área de reserva florestal deles está na nossa terra (...) Eu lutei não foi pelo fazendeiro e sim pelos seringueiros, somos nós que defendemos nossa terra e nossa floresta, para que nós os seringueiros pudéssemos crias nossos filhos netos e bisnetos...Eu já denunciei tudo isto, mas agora eu não sei o que vai acontecer.*

---

## Referências de bibliografia

ACRE, Governo do Estado. Zoneamento Ecológico Econômico do Acre. Rio Branco, SEMA. 2006

CAMELY, Nazira. Cooperativas e trabalhadores da pós-modernidade: o estudo de caso das mulheres quebradoras de castanha da Usina Chico Mendes. Pós-Graduação em Economia da UFF. Dissertação de Mestrado. Niterói, 2001.

CAMELY, Nazira. A geopolítica do ambientalismo *ongueiro* na Amazônia brasileira: um estudo sobre o Estado do Acre. Pós-graduação em geografia da UFF. Doutorado em Geografia. Niterói, 2009.

CATELO, Carlos Estevão F. Experiências de seringueiros de Xapuri no Estado do Acre e outras histórias. Pós Graduação em História da USP. Doutorado em História. São Paulo, 2016.

CASTRO, Ferreira. A Selva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DHESCA. Economia verde, povos da floresta e territórios: violações de direitos no Estado do Acre. e violação de direitos. Acessível em:  
[http://www.plataformadh.org.br/files/2015/08/economia\\_verde\\_relatorio.pdf](http://www.plataformadh.org.br/files/2015/08/economia_verde_relatorio.pdf)

DOWIE, Mark. Refugiados da Conservação. Tradução de Antonio Carlos DIEQUES, NUPAUB/USP, 2006. Acesso em:  
<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/dowie.pdf>

INCRA. Cadastro de imóveis rurais. Rio Branco, SR. 14 / AC (SNRC), 2007 e 2009.

GRZYBOWSKY, Cândido. O testamento do homem da floresta: Chico Mendes por ele mesmo. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

LENIN, Vladimir. Imperialismo: fase superior do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2000 [1916] .

MORAIS, Maria de Jesus. “Acreanidade”: invenção e reinvenção da identidade acreana. Tese (doutorado em Geografia). UFF, 2008.

MORO, Javier. Fronteiras de sangue. A saga de Chico Mendes. São Paulo: Scritta, 1993.

MURRIETA, Julio Ruiz & RUEDA, Rafael Pinzón. Reservas Extrativistas. Brasília: UICN / CNPT, 1995.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto. O Sertanejo, o brabo e o posseiro. Os cem anos de andança da população acreana. Rio Branco: Secretaria de Planejamento e Coordenação, 1985.

PAULA, Elder Andrade de. Seringueiros e sindicatos: um povo da floresta em busca da liberdade. Dissertação de Mestrado, CPDA/ UFRRJ. Rio de Janeiro, 1991.

PAULA, Elder Andrade de. (Des)Envolvimento Insustentável na Amazônia Ocidental. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

PONTE, Karina Furini da. O desenvolvimento sustentável e o controle social da natureza e do trabalho: um estudo a partir da fábrica de preservativos masculinos de Xapuri (AC). Tese (Doutorado em Geografia), UNESP / Presidente Prudente, 2014.

SOUZA, João José Veras. O "Programa de desenvolvimento sustentável do Acre": Uma análise à luz do discurso do desenvolvimento sustentável e da cooperação internacional, Ano de Obtenção: 2010. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.